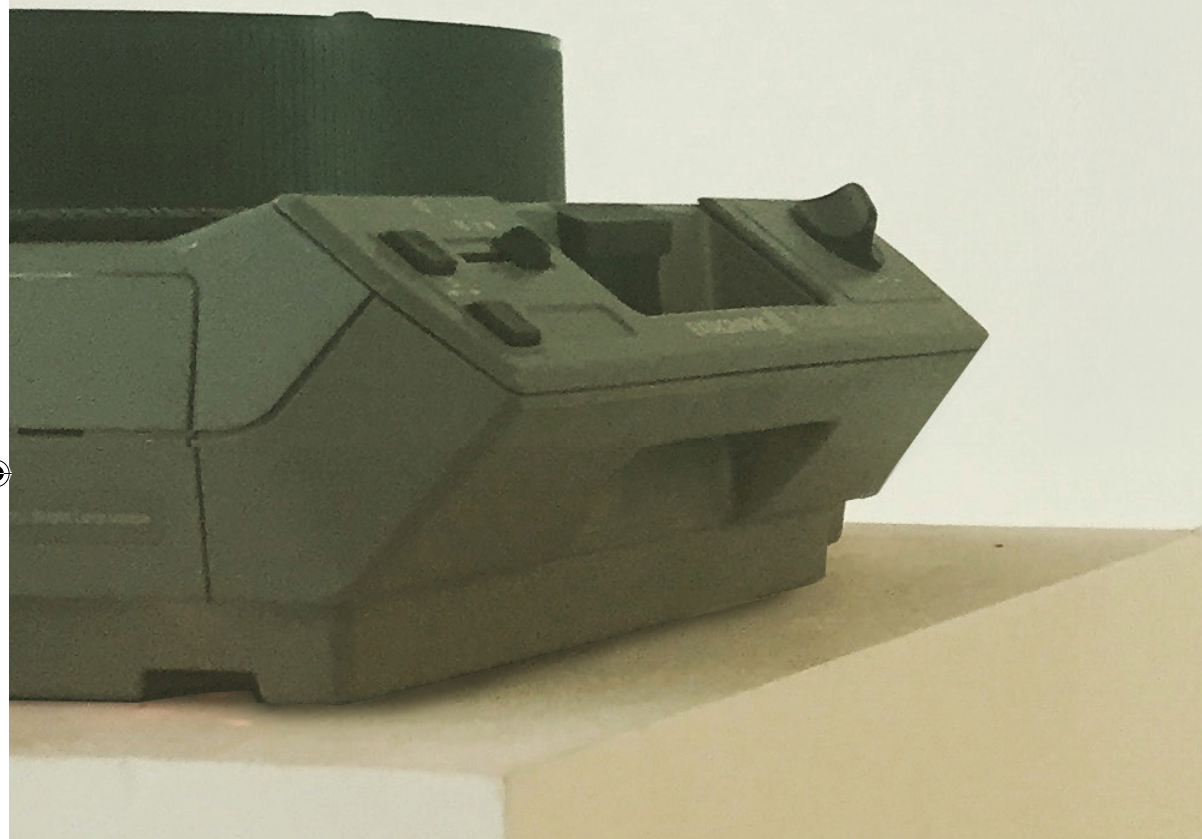


MINISTÉRIO DA CULTURA, PIVÔ E QUALICORP APRESENTAM

DESERTO-MODELO

LUCAS ARRUDA



Com o apoio de Mendes Wood DM / *Supported by Mendes Wood DM*



apoio institucional

Bloomberg

apoio cultural



patrocínio master

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA
realização

PIVÔ



Sem título da serie Deserto-Modelo, 2014 | Óleo sobre tela | 24 x 30 cm

Lucas Arruda apresenta a exposição 'Deserto-Modelo' no Pivô. O artista repete sempre esse título em mostras individuais e não nomeia nenhum de seus trabalhos, invertendo a lógica da exposição como o último estágio – o período visível – de um processo artístico. O trabalho de Arruda não se encerra, não chega a conclusões, suas paisagens desabitadas parecem apreender o tempo, não imobilizando-o como um frame congelado, mas redesenhando sua duração.

'Deserto-Modelo' no Pivô relaciona trabalhos em pintura com a pesquisa recente de Arruda em projetores e slides 35mm. As particularidades arquitetônicas das salas destinadas a essa exposição levaram o artista a se envolver diretamente com o espaço, estendendo a experiência e a precisão de suas pinturas na criação de um ambiente completamente controlado.

Arruda prolongou e reposicionou as paredes do espaço planejando cuidadosamente o percurso do visitante, que experimenta variações de luz e cor ao caminhar pelas três salas ocupadas pelo artista. Todas as entradas de luz foram vedadas e a iluminação foi minuciosamente planejada em parceria com a artista Alessandra Domingues. Os parâmetros básicos do trabalho de Arruda - o horizonte, a negociação entre o céu e o mar e as variações tonais compreendidas entre a alvorada e o ocaso nas mais diversas condições meteorológicas - são vivenciados com o corpo inteiro. Ao observar os trabalhos, somos envolvidos completamente nas paisagens impassíveis imaginadas pelo artista.

Ao entrar no espaço encontramos dois campos simétricos, em dois tons de cinza. Um deles é delineado pela luz do projetor de slides e o outro é pintado diretamente sobre a parede. Quando a luz ambiente está estável, a distinção entre os dois tons é evidente, entretanto, ao aumentar a intensidade dessa luz principal um campo se apaga e o outro se destaca e, ao diminuí-la, o processo se inverte. A percepção que se tem dessa composição binária talvez seja a essência da pesquisa de Arruda. Aqui o diálogo da cor-luz com a cor-pigmento é evidenciado, a sutileza dessa passagem é mais luz indecisa do que cor definida.

Ao adentrar a parte mais escura do ambiente, nos deparamos com outro projeto recente do artista, em que ele sugere a passagem de quatro dias e quatro noites pintando diretamente sobre slides 35mm. Diferentes tons e densidades afetam a sala de acordo com a rotação dos slides, que estão sincronizados e em loop. Conforme as noites se aproximam a sala atinge total escuridão e ao amanhecer a luz gradualmente retorna. O ritmo da projeção e a passagem cadenciada das variações tonais dos slides

pautam o trajeto da exposição que, através da relação dos trabalhos com projeção e pintura, promove uma outra experiência de tempo. O tempo no trabalho de Arruda não é quantitativo e linear, é um tempo interior e não mensurável, próprio da experiência e da memória.

Seguindo o percurso proposto, o visitante encontra novamente a luz ambiente numa sala em que estão dispostas cinco pinturas recentes em pequeno formato. Vistas após as projeções, as paisagens pintadas são uma espécie de alento. O tempo suspenso nos horizontes de Arruda é o da duração bergsoniana. Para o filósofo francês, há uma ordem ontológica que opera no sentido de que na duração/tempo, a mesma sensação nunca se repete. Sendo assim, aquele que se guiava por um tempo cronológico – dos relógios e calendários – e que seguia todo um movimento pautado pelo cotidiano vê-se instado a perguntar onde foi parar. Ao adentrar a sala de exposição, essa ordenação espaço-temporal se rompe. É justamente nesse passo em falso dado pelo espectador consciente que o trabalho do artista opera e se faz mais presente.

Esse ‘Deserto-Modelo’ apresentado no Pivô se difere dos últimos na medida em que propõe uma vivência sinestésica do trabalho de Arruda. Aqui somos conduzidos pelo olhar para uma imersão profunda no universo do artista para, por fim, dar um passo atrás e notar novamente os retângulos simétricos dos

chassis das pinturas sobre tela na última sala. Ao sair do ambiente da exposição voltamos ao tempo cronológico, mas não mais no mesmo eixo.

Abril, 2015

/

Lucas Arruda presents his exhibition ‘Deserto-Modelo’ at Pivô. *The artist always uses the same title in his solo shows and his artworks are all untitled, inverting the concept of the exhibition as a final stage – the visible phase – of the artistic process. Arruda’s work doesn’t end in itself or reach conclusions; his uninhabited landscapes seem to apprehend time. His work doesn’t immobilise time as a frozen frame, but reshapes its duration.*

‘Deserto-Modelo’ at Pivô combines Arruda’s paintings and his recent research with projectors and 35mm slides. The architectural singularities of the exhibition rooms led the artist to engage directly with the space, expanding the experience and precision of his paintings by creating a fully controlled environment.

Arruda expanded and repositioned the room walls, carefully planning a route for the viewers, who experiment with light and colour when walking through the three rooms occupied by the artist. Every source of natural light was sealed off and the lighting was meticulously planned in collaboration with artist Alessandra Domingues. The basic premise of Arruda’s work – the horizon, the negotiation

between heaven and sea, and tone variations between dawn and dusk in different weather conditions - is experienced with one’s entire body. Looking at the artworks we are completely engaged with the untroubled landscapes imagined by the artist.

When entering the space we see two symmetric fields in two shades of grey. One is outlined by the slide projector’s light and the other is directly painted onto the wall. When the ambient light is stable, the distinction between both tones is clear; however, when the main light is intensified, one field fades and the other is highlighted, and when the light is less intense, the opposite happens. The perception of this binary composition is perhaps the essence of Arruda’s research. Here the dialogue between colour-light and colour-pigment is clearly seen, the landscape’s subtlety is more indecisive light than defined colour.

When entering the darkest area, we see another recent project, in which the artist suggests the passage of four days and four nights by painting directly onto 35mm slides. Different tones and densities affect the room according to the rotation of the slides, which are synchronised and run on a loop. As night approaches the whole room descends into darkness, with the light gradually returning with dawn. The projection’s rhythm and the pulsing tempo of the slides’ tone variations guide the exhibition’s route, which - through the relationship of the artworks with the projection and paintings - promotes a different experience of time. In Arruda’s pieces time is not quantitative and linear, but interior and non-measurable, similar to experience and memory.

By following the proposed route, the viewer finds natural light again in a room in which five recent small paintings are displayed. Seen after the projections, the painted landscapes are a fresh breath. The suspended time in Arruda’s horizons have a Bergsonian duration. For the French philosopher there is an ontological order that operates within the idea that in duration/time the same sensation is never repeated. Therefore, those who are guided by chronological time – the time of clocks and calendars – and follow a movement ruled by the everyday are urged to question where they have ended. By entering the exhibition room, the spatial-temporal order is broken. It is exactly in this false step taken by the conscious viewer that the artist’s work is most present.

‘Deserto-Modelo’ showcased at Pivô is different from previous editions as it proposes a synesthetic experience of Arruda’s artworks. Our gaze becomes deeply immersed in the artist’s world so we can ultimately take a step back and notice once again the symmetric rectangles of the painted canvas in the last room. When leaving the exhibition we return to chronological time but no longer on the same axis.

April, 2015

**Agradecimentos Lucas Arruda /
Lucas Arruda's Special Thanks**

Beatriz Henry
Alessandra Domingues
Equipe Pivô
Thomaz Rosa
Luka Brajovic (Lab4D)
André Boll
Santa Luz
Gregory Bastos
Renato Silva
Maria Eugênia Abàtayguara
Pedro Mendes
Matthew Wood
Felipe Dmab
Equipe Mendes Wood DM
Deyson Gilbert
Leda Catunda
Chris Sharp
Rodrigo Bivar
Bruno Dunley
Tiago Mesquita
Felipe Cohen
José Augusto Ribeiro
Sara Leitão
Ding Musa
Ana Prata
Paulo Pasta
Paulo Monteiro
Marina Rheinghantz
Rodrigo Andrade
VeneKlasen/Werner Gallery Berlin

**Pivô agradece aos seus mantenedores /
Pivô thanks its maintainers**

Andrea e José Olympio Pereira
Coleção Moraes-Barbosa
Elizabeth Dee
Fortes Vilaça
Georgiana Rothier e Bernardo Faria
Lilian e Luis Stuhlberger
Mendes Wood DM e equipe
Ronaldo Antonio Varela
Sol Camacho e Jonathan Franklin
Teckma Engenharia
Vera e Luiz Parreiras
White Cube SP

**E o apoio generoso de /
And the generous support of**

Gregory Bastos
Paloma Bosquê
Renato Silva

Equipe da exposição / Exhibition Team

Alessandra Domingues
Leo Grotta
Luka Brajovic (Lab4D)

Equipe Pivô / Pivô's Team

Fernanda Brenner
Sandra Oksman
Catarina Duncan
Lorena Vilela
Matias Oliveira
Buda Brigadeiro
Daniela Ometto
Rita Silva



Sem titulo da serie Deserto-Modelo | pintura sobre vidro e acetato em 81 slides em looping
2,4 x 3,5 cm (pintura/slide)